

POSITHIVES: INSCRIÇÕES PÓS-DISCIPLINARES SOBRE HIV/AIDS

VITÓRIA PINHO JUNGES¹; HELEN CARVALHO GOMES SOARES²;
AUGUSTO IMANISHI BONAVITA³; HUDSON W. DE CARVALHO⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – vitjunges@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – heelensoares@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – guimanishi@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – hdsncarvalho@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O vírus da imunodeficiência humana e da síndrome da imunodeficiência adquirida (HIV/AIDS) têm sido conjecturados, ficcionalizados e investigados a partir de diversos contextos biomédicos, psicológicos, sociais, artísticos, políticos e culturais. Essas aproximações deflagram a importância de fomentar estudos que abarcam o tema em sua complexidade e integralidade, uma vez que os impactos produzidos pelo HIV/AIDS incidem nos corpos sociais e individuais de modo emaranhado e não seccionado por domínios específicos (i.e., biomédico ou político).

Nesse sentido, iniciativas pós-disciplinares podem oferecer um paradigma e práticas de ensino-aprendizagem que se opõe a suposta neutralidade dos processos tradicionais de investigação, além de desenharem a aprendizagem como saberes construídos pelo próprio sujeito-investigador e não como uma reprodução mecânica e acrítica de narrativas oficiais (PAIVA, 2016). De fato, é fundamental que haja problematização da posição do pesquisador e do ato de pesquisar: pensamos que a pesquisa deve ser tomada como um campo de experimentação, atravessado pelo regime da sensibilidade, permitindo traçar o plano de onde brotam determinados objetos de estudo (analisadores), apontando para a dispersão e para as múltiplas "práticas vizinhas" que engendram a produção de tais objetos (ZAMBENEDETTI; SILVA, 2011).

O presente trabalho se propõe a apresentar e discutir a gênese, os subsídios epistêmicos, o modo de funcionamento e alguns processos de ensino-aprendizagem alternativos à lógica disciplinar erigidos a partir dos encontros de um grupo de estudos nomeado de PositHIVes, cuja meta é investigar a temática do HIV/AIDS sob diversos desdobramentos. Entendemos o fenômeno HIV/AIDS a partir do conceito de rizoma, isto é: de um conjunto de saberes provisórios, delimitados no tempo e no espaço que emergem da conectividade, multiplicidade e heterogeneidade de processos de agenciamento do tema e das/dos pesquisadores (ZAMBENEDETTI; SILVA, 2011). Por sua vez, a pós-disciplinaridade se realiza através de exercícios de superação da lógica disciplinar que, frequentemente, categoriza e normaliza os sujeitos e seus saberes, dando contornos abjetos aqueles que estão à margem dos padrões coloniais de humanidade (LUCCHESI; MALANGA, 2009).

2. METODOLOGIA

A partir do chamamento do orientador, estudantes que se interessaram pela temática do HIV/AIDS, experimentada sob uma perspectiva pós-disciplinar, disponibilizaram-se para compor nosso agrupamento. Os interesses por participação estavam profundamente atrelados aos atravessamentos éticos e estéticos que a questão do HIV/AIDS têm sobre a identidade guei, lésbica e bissexual dos estudantes. O orientador do grupo também realizou convites para estudantes militantes/ativistas envolvidos em movimentos sociais relacionados à defesa de políticas públicas relacionadas ao HIV/AIDS. Nossa grupo é, atualmente, formado por estudantes e professores com diferentes percursos acadêmicos e existenciais e que habitam diversas matrizes dos saberes universitários: psicologia, artes, medicina e gestão pública.

Nossos encontros, com duração de aproximadamente 2 horas cada, acontecem uma vez por semana, à distância, mediada por plataformas de webconferência, devido a pandemia do Covid-19. A cada reunião, são discutidos, expostos e compartilhados, textos teóricos e artísticos, filmes, aulas expositivas, museus pessoais e outras produções visuais e audiovisuais. As práticas que realizamos nos encontros são propostas que se inserem em uma perspectiva de metodologias ativas de ensino-aprendizagem, que compreendem o desenvolvimento da autonomia como questão central no processo de aprendizagem (PAIVA, 2016).

Nosso método de trabalho busca construir e compartilhar saberes de maneira dialética, produzindo movimento nos papéis de educador e educando (FREIRE, 1987). Além disso, pretendemos, nos nossos processos de ensino-aprendizagem, superar os limites da disciplina, em diálogo com a pós-disciplinaridade (LUCCHESI, 2009), incentivando que os componentes do grupo transitem pelos campos de conhecimentos e saberes de modo “des ancorado” (ALMEIDA FILHO, 2005).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os encontros, iniciados em julho de 2020, tem se organizado de modo orgânico: busca-se construir uma narrativa coletiva sobre HIV/AIDS, ora seguindo uma linha crescente e linear de conhecimento, ora quebrando a linearidade com processos que emergem durante os encontros e de maneira não antecipada. Diferentes dispositivos de ensino-aprendizagem têm sido utilizados de modo não-hierárquico: alta teoria, baixa teoria e autoficções.

Dentre as narrativas deflagradas pelas “altas teorias”, utilizou-se referências epidemiológicas, biomédicas, históricas, artísticas e do materialismo kuir/queer (contrassexualidade). As narrativas proporcionadas pelas “baixas teorias” foram possibilitadas por filmes e outras expressões da cultura popular e de massas sobre o HIV/AIDS. As autoficções emergiram de produções específicas (museus

pessoais, por exemplo) que visavam a articular o tema-alvo do grupo de estudos com a biografia e o imaginário de cada participante. Nesse sentido, as produções autoficcionais se mostraram como o campo de experimentação que possibilita a convergência de diferentes narrativas sobre o HIV/AIDS, combinando conhecimentos sobre si e crenças pessoais a teorias, dados, arte acadêmica e popular.

A arte e o artivismo se mostraram essenciais no diálogo coletivo sobre modos de conhecer processos de subjetivação de pessoas que vivem com HIV/AIDS: diversos artistas referenciados nos encontros, cujas obras são manifestos de vidas-corpos positHIVes que denunciam aspectos escanteados por narrativas tradicionais e que tencionam o saber para além da ciência e cultura hegemônicas. O filme “And the band played on” apresentou à sua época alguns dos contextos que circundavam pesquisadores e ativistas de saúde coletiva e do movimento quei no início das epidemias de HIV/AIDS por uma lógica heteronormativa, binária, estadounidense e judaico-cristã. O filme, que foi a segunda produção cinematográfica sobre HIV/AIDS na história do audiovisual, enunciou e reforçou um estereótipo, presente na época que o filme contextualiza e que se mantém até os dias atuais, bem como forjou uma identidade coletiva reduzida ao HIV/AIDS.

Os museus pessoais, cujo desígnio era exteriorizar as experiências pessoais atravessadas pelo HIV e AIDS, romperam com a lógica da alta teoria, funcionando como catalisadores pós-disciplinares: a utilização de diferentes métodos de ensino, que fogem da academia tradicional, fomentou em todos do grupo uma compreensão singular sobre a temática principal. Relatos orais, desenhos, publicações em redes sociais, colagens, poesia, vídeos, instalações e registros autobiográficos foram alguns dos modos de expressão utilizados pelos participantes do grupo ao performar os museus. Por conta dessas múltiplas formas de se refletir sobre o HIV/AIDS, houve a oportunidade de expandir os olhares sobre a temática e as questões que a perpassam, ampliando os ângulos das reflexões das teorias, criando conexões entre afetos, textos acadêmicos, memórias e dados estatísticos, tecendo coletivamente uma linha de conhecimento. Os museus deflagram que o HIV/AIDS atravessam todos os corpos, independente de sua sorologia, deflagrando a potência positHIVa de todos.

4. CONCLUSÕES

A experiência de fazer parte do PositHIVes revelou o potencial e a viabilidade de experimentações e errâncias pós-disciplinares na produção de práticas ativas e integradoras de ensino e aprendizagem. A articulação entre alta teoria, baixa teoria e autoficção - assim como a utilização de métodos que as produzem - possibilitaram um aprofundamento sobre o fenômeno HIV/AIDS que é

tanto subjetivo quanto oficial-institucional (i.e., narrativas tradicionais como as da Organização Mundial de Saúde).

Ainda, sentimos que performar os museus pessoais para todos do grupo, momento em que compartilhamos a narrativa sobre o emaranhamento do HIV/AIDS em nossa vida, revisitamos e presentificamos memória e crenças e isso possibilitou mudanças radicalmente subjetivas que emergiram de um processo com o outro. O espaço do PositHIVes se configura como permanentemente aberto a acolher esses afetos em um fluxo constante de diversas possibilidades de sentir um mesmo fenômeno. Andamos por caminhos que ora nos distanciava, porém percebemos a temática do HIV/AIDS por novas perspectivas: de perto, sem medo, sem normas e confiando a um olhar novo, atentos para toda a potência e vida que se manifestava em cada encontro – consigo mesmo e com o outro. Mudanças feitas da subtração de pontos finais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, N.de. Transdisciplinaridade e o paradigma pós-disciplinar na saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.14, n.3, p. 30-50, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LUCCHESI, M.A.S. Universidade e pesquisa na sociedade dos saberes: em busca de uma nova episteme. **Revista Ambiente e Educação**, São Paulo, v.2, n.1, p.15-27, 2009.

PAIVA, M.R.F. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão de literatura. **SANARE**, Sobral, v.15, n.02, p.145 -153, 2016.

ZAMBENEDETTI, G.; SILVA, R.A.N. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v.23, n.3, p.454-463, 2011.